

POLÍTICA

REBELDES

Depois de conversar com o colega Paulo Paim, senadora alagoana chega à conclusão que sua expulsão do partido é irreversível

Heloisa Helena está só

RUDOLFO LAGO

DA EQUIPE DO CORREIO

José Varella

Foi com um ar grave que o vice-presidente do Senado, Paulo Paim (PT-RS), dirigiu-se à senadora Heloisa Helena (PT-AL). “Eu estou muito preocupado com a nossa situação. Nós precisamos construir uma saída”, continuou. “Eu vou construir uma saída para mim. E acho que você devia fazer o mesmo”. Heloisa Helena começou a chorar compulsivamente. Neste momento, ela teve a certeza de que a decisão final sobre a sua situação no partido será mesmo a expulsão. Paim, que era um de seus principais aliados, estava recuando. Mais cedo, ela tivera a mesma impressão depois de uma conversa com outra de suas aliadas, a senadora Serys Shlessarenko (PT-MT). Heloisa Helena estava isolada.

A decisão na segunda-feira da Executiva do PT de adiar novamente por mais um mês a reunião do diretório que analisará seu caso e os processos dos deputados João Batista Babá (PT-PA), Luciana Genro (PT-RS) e João Fontes (PT-AL) já havia abalado Heloisa. “Isso é tortura psicológica”, comentou. “Eu já estou de saco cheio de tudo isso”.

Paim e Heloisa estavam em um ato de protesto contra a reforma da Previdência, organizado pelos servidores públicos (*leia abaixo*). Ficaram no ato apenas cerca de 15 minutos. O tempo de Paim fazer a Heloisa a proposta de recuo, e ela cair em prantos. Heloisa pediu, então, a palavra ao senador Jefferson Péres (PDT-AM), que



PETISTA ISOLADA: HELOISA HELENA NÃO RECUA NAS CRÍTICAS AO PARTIDO E JÁ ADMITE QUE SERÁ FORÇADA A DEIXAR A SIGLA

presidia o ato. Tentou ainda fazer um discurso mais longo, mas empacou. “Não adianta ficar aqui reforçando as nossas posições, que já são conhecidas. Eu peço licença, mas nós vamos precisar sair para resolver um problema grave”, disse ela.

Heloisa e Paim seguiram, então, para o gabinete da Vice-Presidência do Senado. O senador gaúcho expôs sua situação. Não desejava sair do PT. Não estava disposto a sofrer o desgaste de desobedecer a uma deliberação partidária. Achava que exis-

tia uma saída digna. Manteria o seu discurso. Manteria mesmo suas emendas no sentido de modificar a reforma. Mas votaria a favor das mudanças na Previdência. No momento da votação, faria uma declaração de voto, informando que apenas obedecia à decisão do PT por disciplina partidária. Mas que, pessoalmente, continuava contrário ao projeto do governo.

“Acho que você devia fazer o mesmo”, sugeriu Paim. Para o senador, essa não seria uma posição indigna. O PT sempre cobrou

fidelidade, e ninguém questionou no passado punição a outros atos de desobediência. A declaração de voto cumpriria a tarefa de marcar sua posição contrária.

Heloisa recusou a sugestão. Disse que, para ela, essa solução não se apresentava mais. Pareceria uma humilhação. Uma admissão de derrota. A partir desse momento, percebeu Heloisa, ela até poderá receber solidariedade. Mas teria de enfrentar sozinha o longo caminho que ainda percorrerá até seu ato de expulsão.